

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RECENTES OPERAÇÕES CONTRA O TRÁFICO NO RIO DE JANEIRO

Vinícius Domingues Cavalcante, CPP, o autor, é consultor em segurança certificado pela ASIS (www.asisionline.org) e Diretor Regional da ABSEG (www.abseg.com.br) no Rio de Janeiro.
vdcsecurity@hotmail.com

Os últimos dias de novembro e o início de dezembro proporcionaram aos fluminenses um momento único: Inicialmente, a criminalidade que fora desalojada de diversos domínios importantes, valendo-se de um modus-operandi explicitamente terrorista, atemorizou a população com diversos ataques na via pública. Na seqüência, se imaginando muito poderosa no domínio de uma grande área (cuja ocupação, por demais custosa em termos de homens e recursos, não se previa para tão cedo), achou que pudesse desafiar as forças do Estado. Ao final de uma semana, numa operação que congregou efetivos policiais e militares, a criminalidade foi literalmente posta para correr e amargou um inédito prejuízo em termos de integrantes presos (e mortos), bem como armas e drogas capturadas.

Tal como numa guerra de guerrilha, o tráfico de drogas tinha aquela área de favelas da Leopoldina como uma área liberada e não esperava que o Estado, sabedor do problema logístico para ensejar operações policiais de grande vulto no local, aceitasse a provocação dos numerosos bandidos bem armados que, de posições elevadas, se exibiam ostensivamente para as Câmeras de TV.

O tráfico errou em sua avaliação e em menos de 24 horas, numerosos efetivos policiais de elite começaram a incursionar contra os redutos da criminalidade na Vila Cruzeiro, providencialmente transportados em viaturas blindadas M-113 e LVTP-7 do Corpo de Fuzileiros Navais. Os carros de lagarta dos fuzileiros navais com sua mobilidade infinitamente superior a dos Caveirões, subiram as ladeiras, transpuseram os obstáculos colocados nas vias pelos traficantes e conduziram os policiais em segurança, a despeito de um considerável volume de disparos dos criminosos que deixou marcas nos veículos. A inadequação dos veículos de transporte blindado orgânicos de nossas polícias há muito é conhecido e certamente a operação teria seu êxito comprometido, sem o concurso dos blindados da Marinha. Curiosamente, os mesmos M-113 que foram empregados pelos fuzileiros para o transporte do BOPE, são de dotação de inúmeras forças policiais nos Estados Unidos e também em outros países, como a Holanda. A diferença é que enquanto para quaisquer outras forças policiais a exposição a um grande volume de tiros seja algo episódico (daí empregarem poucas unidades do veículo blindado militar), aqui unidades comuns de polícia combatem em praticamente toda parte contra criminosos armados de fuzil, granadas e metralhadoras; logo, todas necessitam de um blindado de transporte de pessoal, o qual tem de estar capacitado para ser alvejado diversas vezes à cada surtida.



À esq. um M-113 empregado por uma polícia municipal nos Estados Unidos. À dir. uma versão aperfeiçoada do mesmo transporte blindado, empregada pela polícia holandesa com pá mecânica para remoção de obstáculos.

Ressalte-se que, embora a utilização das viaturas blindadas militares impressionasse muito a população e surpreendesse aos bandidos também, não houve da parte dos narcotraficantes qualquer ação defensiva mais elaborada, que acarretasse um risco para as viaturas e seus ocupantes, semelhante a aqueles que se espera confrontar nas confrontações urbanas tradicionais. Em combates urbanos no Iraque ou na Chechênia, os soldados no interior do carro não poderiam dar-se ao luxo de avançar embarcados por centenas de metros, ladeira acima, cercados pelo casario, sem precisar se preocupar com o impacto de uma granada de bocal ou foguete anti-tanque, disparado pelas forças adversárias. Em ruas realmente adversas o emprego de artefatos explosivos improvisados (I.E.D., confeccionados a partir de explosivos militares ou comerciais) também seria um pesadelo para os condutores dos carros.



Viaturas M-113 e LVTP-7 destruídas por disparo de foguete e I.E.D. no Iraque

Não dá pra deixar de observar o quão verdadeiramente **Light** é essa nossa violência no Rio de Janeiro!

A criminalidade mais uma vez deu mostra de um primarismo técnico e de sua desorganização tática. Mesmo com um arsenal de considerável letalidade, eles não foram capazes de empregar sequer as armas que tinham nas mãos. Além das armas apresentadas nas tomadas de longa distância veiculadas nas TVs, os criminosos detinham uma quantidade significativa de armamentos, as quais poderiam ter tornado o trabalho de invasão pela polícia muitíssimo mais custoso. Além de armas antigas como fuzis de repetição CZ (tipo Mauser), Metralhadoras médias ZB-ZV (provavelmente de procedência boliviana), diferentes modelos de metralhadoras Browning calibre .30 (7,62x63) refrigeradas a ar, metralhadora Madsen, fuzis automáticos Browning (BAR) calibre .30 (7,62x63), fuzis americanos Garand (em diversas condições). Foram capturados também fuzis AK-47/AKM, AR-15/M-16/M-4 (em diversas configurações e condições de uso), Ruger Mini-14, HK G-3, Steyr AUG, SIG-550, carabinas M1, submetralhadoras argentinas FMK-3, submetralhadoras de fabricação clandestina, Thompson M1 (cal.45ACP) e até uma raríssima MAT-49 (calibre 9x19) de

procedência francesa. Diversas pistolas modernas foram capturadas, sobretudo as da marca Glock, mas o modelo apreendido que mais chamou atenção foi uma pistola Desert Eagle no calibre .50AE. Sinceramente não consigo divisar utilidade para uma pistola dessas, verdadeiro canhão de mão, mais poderoso que um .44 Magnum; o resultado que se obtém com ela (empunhando com alguma dificuldade e administrando um recuo muito forte) se pode muito bem conseguir com um tiro de AK-47. Uma arma assim, com uma munição cara e de difícil obtenção serve mais para ostentação de poder de algum chefe criminoso!



A pistola Desert Eagle no calibre .50 Action Express e a sua munição, comparada a uma munição de pistola no calibre 7,65mm e o clarão do seu disparo

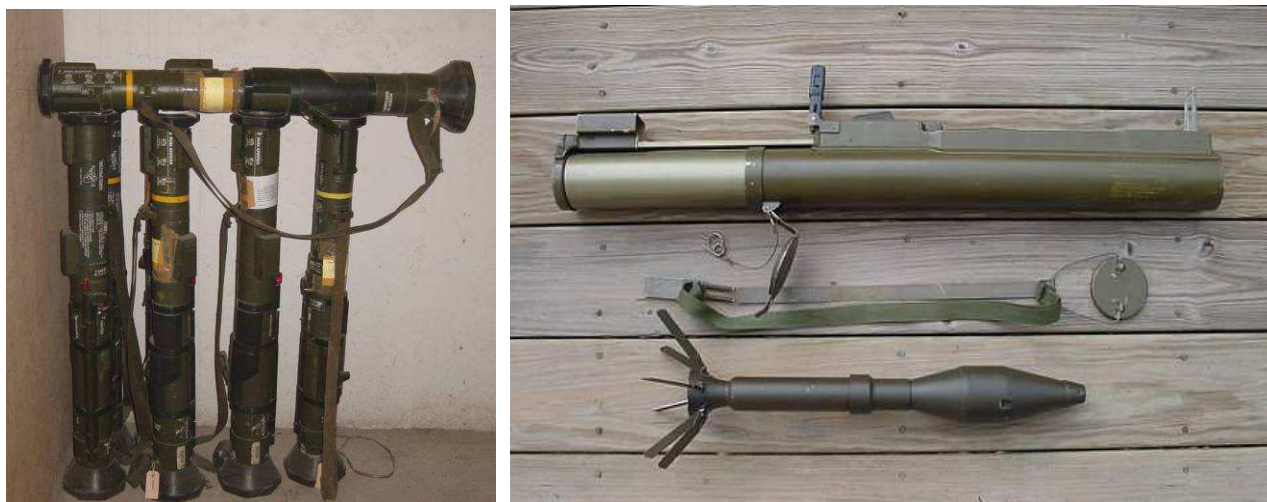
Apreendeu-se uma grande diversidade de armas, que, conforme sabemos, os criminosos adquirem como compras de oportunidade, independentemente de saberem empregá-las ou não. Não raramente os fornecedores das diversas facções são os mesmos, e há casos em que compras são feitas apenas para negar o equipamento a um concorrente. Quando da captura percebeu-se que o acondicionamento dessas armas era, na maioria das vezes, precário, bem como o do grande estoque de munição. Espantou-me a quantidade de munição .30 (7,62x63) perfurante de blindagem. Havia muitos clips de recarga de fuzis Garand com tal munição. Muitas das armas, usadas, já vem propensas a defeitos ou com peças comprometidas. Infelizmente não foi possível examiná-las de forma mais minuciosa a fim de constatar quantas ou quais estariam realmente em condições de uso; porém, se de cinco metralhadoras, uma estiver funcionando bem, isso já conferirá aos criminosos um poder de fogo formidável. Uma metralhadora ZB-ZV disparando projéteis perfurantes proporcionaria dores de cabeça até mesmo os fuzileiros em seus M-113! Da mesma forma, o UH-1 da PCERJ, falaciosamente apresentado como "tanque voador", obrigatoriamente teria de tomar mais cuidado em seus sobrevôos.



A antiga e eficiente metralhadora tcheca.

Nas apreensões não faltaram também os "perigosos" tubos vazios de fibra (não recarregáveis) da arma anti-carro sueca AT-4, bem como um antigo lança-rojão (bazooka) 3.5" de fabricação americana que, de tão bem conservado, mais pareceu retirado de um museu. Engraçado que hoje não há soldados e cabos em serviço nas Forças Armadas do Brasil que tenham tido oportunidade de operar essa arma, dado o tempo em

que ela já foi descartada pelo EB e pelo CFN! Eu não vi munição para essa arma, embora cargas para tal lança-rojão já tivessem sido encontradas aqui anteriormente. Um tubo metálico vazio do lançador de foguetes M-72 (LAW de 66mm) também foi encontrado, escondido numa lixeira. Essa arma (capaz de penetrar as blindagens das viaturas de lagarta empregadas na operação) nunca foi empregada até a presente data mas realmente preocupa, pois existe grande histórico de captura de exemplares em condições de uso junto a criminosos, no Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras.



À esquerda, inofensivos tubos vazios de AT-4 que vem sendo capturados há mais de uma década. À dir., um lançador metálico M-72 e o seu foguete.

A visão de todo material capturado e o uso que os nossos criminosos dão a ele realmente ajuda a nos tranqüilizar, contudo eu não imagino que eles vão continuar primários a vida toda. Nós é que não podemos relaxar contando com isso.

Infelizmente não tratamos nossos narcotraficantes da forma explicitada na informal doutrina da Conduta Excepcional para o Reestabelecimento da Ordem e da Lei (ou, como dizemos na gíria, C.E.R.O.L.), mas certamente **a bola** dos bandidos vai baixar por algum tempo. Por certo a maioria dos cidadãos deste país teria desejado que os helicópteros da mídia não estivessem em condições de focar a corrida daqueles numerosos traficantes armados em campo aberto e que as aeronaves policiais tivessem podido abrir fogo contra eles livremente, do alto. Independentemente de achar que teríamos lucrado com isso, é fato que a polícia não estava lá para matar, e sim para prender, nos termos do que a Lei estabelece. Houve muitas prisões; porém, muitos criminosos escaparam e se deslocaram para outras comunidades de onde certamente ainda haverão de nos dar muito trabalho.

Não imagino que sujeitos violentos que se acostumaram a impor sua vontade com o uso de poderosas armas militares e explosivos, vão se contentar com o papel discreto de vendedor de drogas, sem ostentação de armas, jóias, armas e mulheres; pelo menos não, num primeiro momento. Hoje, suas lideranças estão encarceradas em presídios distantes, sua cadeia de comando foi prejudicada, mas ainda há muitos integrantes desses grupos em liberdade e com grande potencial de ação. Essa ação necessariamente não precisará ser decidida pelos ditos Chefões num presídio, assim como não foi a decisão de queimar ônibus com pessoas dentro.

Preocupa-me que eles puderam perceber o quão medrosa e vulnerável é a nossa sociedade e o êxito alcançado nas ações incendiárias... Os nossos terroristas do tráfico se mostraram tão primários que em seus coquetéis molotov utilizam apenas garrafas pet (que custam a se romper com o choque), cheias unicamente de gasolina; mas ainda assim literalmente "tocaram o terror" e puseram os fluminenses pra correr! Com as armas remanescentes (que certamente não são poucas), granadas e explosivos comerciais eu estou certo de que vamos ter de aprender a combater ações rápidas, ao estilo guerrilheiro, **toca-e-foge**, e quem sabe mais ações de sabotagem incendiária ou explosiva. Nossos criminosos sempre tiveram explosivos, porém não descobriram **ainda** os artefatos explosivos improvisados (I.E.D.s).

No dia 25/11 traficantes em Bonsucesso jogaram uma granada dentro de um supermercado que se recusou a cerrar as portas por ordem dos criminosos. No mesmo dia, uma mala rígida contendo explosivo comercial, fios e um relógio, foi deixada numa rua de movimento em Madureira. A carga não havia sido preparada para explodir e apenas simulava uma bomba-relógio.



Na manhã de 3/12 uma sacola contendo 1,5kg de explosivo comercial (do mesmo fabricante empregado no outro artefato falso) foi deixada no saguão da estação Rodoviária Novo Rio. A carga também não fora preparada para detonar mas se constitui num claro aviso de que isso seria possível se assim o pretendessem. A nossa população já constatou que a era do terrorismo já começou e no dia em que começarem explodir bombas a barra vai pesar ainda mais. No que tange a esses artefatos, nossos traficantes bem podem contar com a consultoria das FARC, com os quais há muito mantém relações. Pouco vai restar a nossa sociedade, que tremeu diante de pilhas de lixo e pneus fumegantes, do que trancar-se em casa e pedir pizza por debaixo da porta. Há muitos cidadãos de boa fé, acreditando que tudo vá melhorar num curto prazo e isso não são esses os indícios que captamos. Acreditar em soluções impregnadas de magia pode ocasionar na opinião pública um desencantamento muito difícil de lidar. Precisamos começar a conscientizar as pessoas de que a GUERRA não acaba com essa pretensa **Batalha do Alemão**, a qual, ao menos pra mim, sintomaticamente já começa com o estigma de pouco crédito, ao ser travada numa localidade chamada de **Itararé...**

CENTRO DE PESQUISAS ESTRATÉGICAS PAULINO SOARES DE SOUSA

Universidade Federal de Juiz de Fora

